



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Mateus Dagios

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

orcid.org/0000-0001-5468-1559

mateusdagios@yahoo.com.br

*Filoctetes e Robinson Crusóe: estudo
comparativo entre dois mitos de heróis
solitários*

*RESUMO: O objetivo do artigo é fazer uma comparação entre o mito grego do arqueiro Filoctetes, como apresentado na tragédia Filoctetes (409 a.C.) de Sófocles, com o romance Robinson Crusóe (1719) de Daniel Defoe. Para a análise, é utilizado o conceito de mito literário de Raymond Trousson, bem como as contribuições de George Minois sobre a historicidade da solidão. O artigo examina contrastes entre a solidão de Filoctetes e a de Robinson Crusóe, além de destacar pontos de encontro entre os dois textos, mostrando como outros autores estabeleceram comparações entre o náufrago e o arqueiro. Refletir sobre a solidão tem se tornado essencial em um mundo ressignificado pela experiência da pandemia.
Palavras-chave: Filoctetes; Robinson Crusóe; Solidão.*



INTRODUÇÃO

Em 1951, Ian Watt, no artigo "Robinson Crusoe as a Myth", defendeu o argumento que se tornaria central para o seu livro *Myths of modern individualism* (1996) de que enredos como o de Fausto, Dom Quixote, Don Juan e o que nos interessa, Robinson

Crusoé, trazem uma série de imagens que colocam o protagonista como um estandarte das aspirações do homem ocidental. Watt argumenta que "cada um dos heróis corporifica uma areté e uma hýbris, uma habilidade excepcional e um excesso viciante, em esferas de ação que são particularmente importantes em nossa cultura" (WATT, 1951, p. 95, tradução nossa)ⁱ.

Areté e hýbris são dois ideais da cultura grega clássica. Areté referencia os valores de virtude e nobreza enquanto hýbris se situa no romper dos limites, na desmedida. Tais conceitos são comuns para descrever os heróis homéricos e por consequência também estão presentes nas tragédias. Watt (1951, p. 96) argumenta que esses heróis constituintes do mito moderno possuem uma postura de aspiração e perda.

Robinson Crusoé (1719) de Daniel Defoe é a narrativa de um jovem que saiu de casa ambicionando aventuras em alto-mar e tornou-se por azar um naufrago solitário, permanecendo 28 anos em uma ilha, encontrando canibais, fazendo amizade com um indígena, batizando-o de Sexta-Feira e convertendo-o ao cristianismo, construindo e fabricando utensílios, lidando ao seu modo com o mundo natural e sendo depois resgatado por piratas. Michel de Certeau defende que a narrativa de Crusoé é "um dos raros mitos que a sociedade moderna foi capaz de inventar (CERTEAU, 2000, p. 227). Porém, é preciso indagar: se Robinson Crusoé é um mito, qual seria seu significado?

Para Watt, Robinson Crusoé de Daniel Defoe apresenta três grandes temas que são essenciais à civilização: "'Retorno à Natureza', 'A Dignidade do Trabalho' e 'Homem Econômico'" (WATT, 1951, p. 97, tradução nossa)ⁱⁱ. O tema do retorno à natureza compreende a ilha como um ambiente exploratório no qual o homem é obrigado a superar seus limites. Não é a natureza contemplativa nem a docilidade dos campos, mas um ambiente inóspito. Watt pontua que "Crusoé

observa a natureza, não com os olhos de um primitivo panteísta, mas com o olhar calculista do capitalismo colonial" (WATT, 1951, p. 100, tradução nossa)ⁱⁱⁱ. Tal visão da natureza aponta para as duas próximas virtudes.



Os temas da dignidade do trabalho e do homem econômico estão intimamente conectados. A solidão em uma natureza inóspita faz do náufrago um precursor da ética do espírito capitalista. De acordo com Watt, Defoe conjuga no livro aspirações burguesas: "Em sua épica de empreendimento individual, ele transmitiu um programa de ação econômica e uma figura em que projetar uma mística quase religiosa" (WATT, 1951, p. 106, tradução nossa)^{iv}. Crusoé transforma a ilha em uma unidade produtora e o indígena Sexta-Feira em um trabalhador catequizado, qualificando sua mão de obra e inculcando-lhe uma ética religiosa e empreendedora. Para Arnold Hauser em seu clássico História social da arte e da literatura, Robinson Crusoé é "o representante clássico da burguesia" (HAUSER, 2000, p. 543) e a narrativa é "um longo hino em louvor da iniciativa, persistência, inventividade e senso comum que superam todas as dificuldades, numa palavra, das virtudes práticas da burguesia (HAUSER, 2000, p. 543).

118

O argumento que exploramos é tributário das reflexões de Ian Watt, mas por outro caminho. No lugar de mapear quais elementos da experiência ocidental moderna estão presentes no Robinson Crusoé, partimos em direção à temporalidade de um mito da antiguidade. Nosso objetivo é destacar a presença do mito grego do arqueiro Filoctetes no romance Robinson Crusoé, principalmente do tema da solidão, como principal relação entre Filoctetes e Robinson Crusoé. Nosso texto analisa a tragédia Filoctetes (409 a.C.) de Sófocles, que como veremos é ela própria uma reordenação do mito do arqueiro solitário e doente abandonado na ilha de Lemnos, em relação ao romance Robinson Crusoé (1719) de Daniel Defoe sobre o náufrago inventivo e solitário. Nosso objetivo é demonstrar como é possível rastrear uma semelhança entre as duas personagens, reconhecendo que as obras possuem diferenças fundamentais.

O artigo divide-se em duas partes: Mito literário: Filoctetes e Robinson Crusoé, em que é discutido o conceito de mito literário e apresentada a tragédia de Sófocles e autores que traçaram



paralelos entre as semelhanças das duas narrativas; Mónos e solitude, em que é problematizado como a solidão é o principal ponto de encontro entre as duas obras.

MITO LITERÁRIO: FILOCTETES E ROBINSON CRUSÓÉ

Em uma definição clássica, Mircea Eliade explica que mito é “uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas” (ELIADE, 1972, p. 23). O mito pode ser tomado como um discurso criador, texto fundacional, que geralmente habita a esfera do sagrado, pode abordar um princípio ordenador ou um embate de forças que devem ser equilibradas e como discurso pode ser refundado a partir de novas exigências sociais. Mas se os antropólogos e etnólogos começaram a desenvolver o estudo dos mitos durante o século XIX ao estudar narrativas específicas entre tribos e comunidades, cabe-nos uma questão: qual seria o significado de um mito literário?

119

No artigo “Qu'est-ce qu'un mythe littéraire?”, Philippe Sellier coloca oposições entre o mito literário e o mito estudado pela etnografia. Do ponto de vista etnográfico, “essa narrativa é anônima e coletiva, elaborada oralmente ao longo das gerações” (SELLIER, 1984, p. 113, tradução nossa)^v. O mito abordado pela etnologia seria diferente do construído pela literatura: “Retrabalhado por muito tempo, o mito atinge uma concisão e uma força que, aos olhos de determinados mitólogos, o tornam muito superior a esses arranjos individuais a que chamamos de literatura” (SELLIER, 1984, p. 113, tradução nossa)^{vi}.

Para a etnologia com as abordagens clássicas de Lévi-Strauss ou para a antropologia histórica, como a do helenista Jean-Pierre Vernant, o mito opõe-se à literatura, sendo a passagem do primeiro para a segunda um ponto de ruptura (SELLIER, 1984, p. 115). É preciso salientar que não se trata de uma disputa pelo mito, na qual uma área do conhecimento teria primazia pela palavra, mas uma configuração de racionalidade, em que cada instância opera com um conceito diferente que mapeia um

problema específico. O mito de caráter etnorreligioso para tais autores não pode ser equiparado em sua função com o mito literário.



Para Sellier, quando passamos do mito como compreendido pela etnologia para o mito literário, algumas características do primeiro desaparecem para emergirem outras (SELLIER, 1984, p. 113). Para Sellier, a importância dos mitos literários não está em como eles comunicam ou reinterpretem os mitos consagrados do panteão grego ou de outros imaginários antigos, mas à medida que essa categoria inaugura em sua própria dinâmica novos mitos, como Fausto ou Don Juan. Nesse sentido, o autor aproxima-se de Watt, que considera Robinson Crusóé como um mito do individualismo moderno.

Raymond Trousson, mesmo reconhecendo a importância do mito para a literatura, prefere não usar o conceito para análise, recorrendo à noção de tema. Para o autor, a polissemia da palavra e a maneira como ela é encarada colocam o mito em uma categoria aberta, indefinida e oposta a uma ideia de obra literária. De acordo com Trousson, cada época compreende o mito e suas variantes com dinâmicas próprias:

Cada época constrói uma mitologia particular, adequada para expressar suas preocupações, para refletir suas aspirações e suas inquietudes; o tema, sempre proteiforme e suscetível de renovação, ganha mais ou menos importância conforme sua estrutura interna se adapta melhor ou pior às exigências do novo pensamento (TROUSSON, 1981, p. 98, tradução nossa)^{vii}.

O conceito de tema em relação ao mito seria a potencialidade de reelaboração autoral, que na apropriação revelaria a engenhosidade do autor e as demandas do tempo. Trousson descreve o tema como um fio condutor:

O tema é um fio condutor, eterno ao longo do tempo, que se encarrega, ao longo dos séculos, de todo o butim artístico e filosófico acumulado, na sua jornada ilimitada, pelo aventureiro humano; é por isso que ele preserva e restitui, através de suas inúmeras transmutações, algumas constantes, algumas preocupações fundamentais, ou seja, algo essencial da natureza humana (TROUSSON, 1981, p. 122, tradução nossa)^{viii}.

Com a noção de mito literário reelaborado como tema, é possível rastrear no *Robinson Crusóé* a presença de elementos do mito de Filoctetes, sem apelar para comparações reducionistas e ao mesmo tempo



reconhecer no texto de Defoe a inauguração de um texto fundacional para as aspirações da modernidade.

O que ambicionamos examinar ao comparar o mito de Filoctetes com o romance de Defoe são os aspectos de semelhança que podem ser encontrados nos dois textos. A crítica

observa *Robinson Crusóe* como herdeiro de duas narrativas clássicas da antiguidade, a de Filoctetes que analisaremos e a do encontro entre Odisseu e Polifemo, o ciclope canibal da *Odisseia* (IX, 106-555)^{ix}.

O tema do homem solitário que foi abandonado pela sociedade e mais tarde a ela reintegrado tem na tradição grega um símbolo em Filoctetes. O mito de Filoctetes aparece em alguns textos da literatura grega: na *Ilíada* (II, vv. 716-725) e na *Odisseia* de Homero (III, v. 190 e VIII, vv. 219-20), na *Primeira Pítica* de Píndaro (vv. 96-116), em fragmentos dos *Cantos Cíprios* e da *Pequena Ilíada*. As menções na *Odisseia* são breves, marcando seu status como arqueiro ("Só Filocteto me superava com seu arco na terra", *Odisseia*, VIII, v. 219), enquanto a *Pítica* agrega a ferida de Filoctetes e que ele foi trazido de Lemnos por heróis. Na *Ilíada* encontram-se mais detalhes sobre o abandono de Filoctetes em Lemnos e a necessidade do seu retorno ao exército heleno:

Pois ele jazia agora numa ilha, em grande sofrimento,
na sacra Lemnos, onde o deixaram os filhos dos Aqueus
padecendo da ferida horrível de uma venenosa serpente.
Aí jazia, cheio de dores; mas em breve se lembrariam
os Aqueus junto às naus do soberano Filoctetes. (*Ilíada*, II, vv. 721-725)

Em linhas gerais, o mito trata de Filoctetes, filho do argonauta Peante e guerreiro hábil no manuseio do arco. Não bastasse sua excelente habilidade, ele tinha recebido do próprio Hércules, por acender sua pira funerária, o arco e as flechas de Apolo, que por magia nunca erravam o alvo. O arqueiro embarcou a caminho de Troia com os helenos, mas foi picado por uma serpente em uma parada na ilha de Crise. Algumas versões apontam que ele profanou um templo sagrado e a picada foi consequência desse ato. A ferida de Filoctetes foi no pé e causou dores inumanas que o reduziam a uma condição animal. Os generais gregos acabaram deixando o guerreiro na ilha de Lemnos. Posteriormente, decorridos então nove anos de combate na planície de Troia, um

adivinho vaticinou que a guerra só seria vencida com Filoctetes, se ele fosse reintegrado aos campos de batalha.

A tragédia não é o mito encenado. Como texto, ela apresenta delimitações performáticas. Advinda de um contexto religioso dos festivais dionisíacos e de um mundo jurídico próprio (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999), cada tragediógrafo interpreta o mito por uma demanda particular. Os três grandes trágicos compuseram tragédias sobre o mito de Filoctetes, mas conhecemos apenas a versão de Sófocles em sua totalidade. Temos testemunho nos escritos do orador Dion de Crisóstomo (c. 40 – c. 115 d.C.) sobre as versões de Ésquilo e de Eurípides.

Sobre o *Filoctetes* de Ésquilo, Dion menciona que Odisseu é enviado para buscar Filoctetes e o arco sem disfarces, mas usando artifícios. Odisseu consegue recuperar o arco e convencer Filoctetes a retornar. O coro da tragédia era formado por moradores da ilha que se mantinham à distância do arqueiro. Na versão de Eurípides, o orador relata que Odisseu e Diomedes se dirigem a Lemnos para buscar Filoctetes e o arco. Odisseu é disfarçado por Atena e depois de uma série de reviravoltas os dois conseguem convencer o arqueiro. Apesar de não estar sozinho na ilha, ele vive separado por causa da sua doença (discursos 52 e 59, CHRYSOSTOM, 2001).

O *Filoctetes* de Sófocles coloca em cena três personagens: o arqueiro Filoctetes, Odisseu e Neoptólemo, filho de Aquiles. O coro da peça é formado pelos marinheiros que acompanham Odisseu e Neoptólemo. Lemnos é habitada somente pelo arqueiro. A peça começa com o retorno de Odisseu junto com Neoptólemo para a ilha de Lemnos, com o objetivo de capturar as armas de Hércules, que estão em mãos do solitário e doente Filoctetes. Sófocles compõe uma tragédia de um herói solitário que também aborda os vários meios para levar a cabo a missão de tomar o arco sagrado de Filoctetes, aparecendo as forças argumentativas da persuasão, do engano e da violência (DAGIOS, 2012).

Três elementos estão presentes nas narrativas sobre Filoctetes. Em primeiro lugar, o status de abandono. Totalmente solitário ou não, é um homem retirado do círculo social. O segundo é um ferimento incurável, uma doença adquirida, e o terceiro é a excelência do seu arco.





Sobre a inspiração de Daniel Defoe para escrever seu romance, é corrente na crítica que o autor inglês teria se baseado nas aventuras de Alexander Selkirk (1676–1721), um marinheiro que viveu sozinho no arquipélago de Juan Fernández. Jean-Paul Engélibert, em *La postérité de Robinson Crusoé*, explica que durante muito tempo a crítica se concentrou em analisar as supostas fontes que teriam inspirado Defoe, mas não em estabelecer relações do texto com a temática do homem solitário:

Mas quando se trata de revelar as condições de emergência de uma temática, e não mais as “influências”, nada impede de buscar em textos muito mais distantes de *Robinson Crusoé* os traços de uma história muda. Revelar o que estrutura as narrativas de isolamentos anteriores é definir as condições de emergência do romance que as condensará (ENGÉLIBERT, 1997, p. 25, tradução nossa)^x.

As semelhanças entre a situação de Robinson Crusoé e a de Filoctetes foram pontuadas por diferentes autores desde o século XVIII, que traçaram paralelos quanto à condição de abandono dos dois heróis. Gotthold E. Lessing, no clássico *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia* publicado em 1766, foi o primeiro autor a apontar uma semelhança entre Filoctetes e Crusoé. Ao discutir a representação da dor corporal na poesia trágica de Sófocles, ele apresenta como exemplo a escolha de uma ferida e não uma doença interna para desenvolver a relação de compaixão que a tragédia visaria despertar no público. Lessing descreve Robinson Crusoé como um Filoctetes pleno de capacidades físicas, sem a moléstia divina que castiga o arqueiro:

Ele a conectou, portanto, a outros males, que considerados por si igualmente não podem particularmente comover, mas que graças a essa conexão recebem um traço tão melancólico quanto aquele que eles comunicam de volta à dor corpórea. Esses males eram a completa privação da sociedade humana, a fome e todos os desconfortos da vida ao qual estamos expostos sob um céu áspero naquela privação. Pense numa pessoa nessas circunstâncias, se, no entanto, damos a ele saúde, forças e indústria, e eis um Robinson Crusoé que não apela à nossa compaixão, por mais que o seu destino não nos seja em absoluto indiferente (LESSING, 1998, p. 107-8).

O arqueiro em sua rede trágica de infortúnios, ferida, solidão e privação nos comoveria e nos levaria a um estado de compaixão na medida em que reconheceríamos nele uma rede de necessidades sem as quais seria impossível desenvolver as condições de

humanidade. Por outro lado, Robinson Crusóé em sua condiçãõ engenhosa e criadora na ilha despertaria, por mais que reconheçamos sua solidãõ, uma admiraçãõ por seu empenho, pelo carãter civilizador que emprega nos espaçõ selvagens e ainda por catequizar Sexta-Feira.



A crítica pós-colonial reavaliou essas virtudes. Entre tantos textos que problematizam tal encontro, destacamos o romance de Michel Tournier *Vendredi ou les limbes du Pacifique* (1967), que inverteu os aspectos civilizatórios pelo ponto de vista de Sexta-Feira, fazendo o "selvagem" e o colonizador trocarem papeis, apresentando outras lógicas e nos fazendo indagar sobre se as conquistas alegadas pelo diário de Crusóé seriam realmente verdadeiras.

A comparaçãõ de Lessing com Filoctetes deve-se em parte ao número de adaptações que o mito do arqueiro recebeu na pintura, na poesia e no teatro durante os séculos XVII e XVIII. Tatiana-Ana Fluieraru, em *Thémé et variations: Le mythe de Philoctète aux XVIIe et XVIIIe siècles*, demonstra que o tema do sofrimento físico de Filoctetes era constantemente discutido por poetas do período (FLUIERARU, 2017, p. 215).

Outro autor que fez comparações entre o arqueiro e o industrioso náufrago foi o ensaísta francês Paul de Saint-Victor, em *As duas máscaras* (1882), em que analisa a comédia e a tragédia grega e dedica um capítulo a comparar as duas personagens:

A analogia é uma centelha que liga os extremos e reaproxima as idades. Quão distante o Filoctetes de Sófocles do Robinson Crusóé de Defoe! O tempo e a raça, a arte e o meio que os produziu estão nas antípodas um do outro. Contudo, a imaginaçãõ os une. Filoctetes, em sua ilha do Arquipélago, lembra Robinson em sua ilha do mar do Sul. De pé em suas praias, parecem saudar-se através dos séculos (SAINT-VICTOR, 2003, p. 421).

O quadro proporcionado por Saint-Victor é bastante cativante. Ele ressalta a diferença de tempo e espaço entre os dois e imagina um longo aceno entre os heróis, cada um vivendo quase as mesmas angústias que o outro, reconhecendo-se nas desgraças. O autor francês prossegue: "A espessura de um mundo os separa, mas sua situaçãõ é parecida: a mesma miséria, o mesmo abandono, o mesmo isolamento da humanidade" (SAINT-VICTOR, 2003, p. 421). Para Saint-Victor,



a grande diferença entre as personagens não reside nos indivíduos ou nas condições, mas em seus tempos. Filho das ambições do século XIX, o autor não deixa de associar Robinson à força do progresso em relação a uma ideia de primitivismo do arqueiro Filoctetes:

Passando de Filoctetes a Robinson, podemos avaliar, com dois mil anos de intervalo, todas as vitórias obtidas pela indústria humana sobre a natureza. De um lado o homem primitivo, reduzido aos expedientes grosseiros da vida selvagem a partir do momento em que se isola do estado social; do outro o homem de civilização avançada, munido de suas invenções e seus progressos, capaz de refazê-la sozinho no meio do deserto (SAINT-VICTOR, 2003, p. 421).

Mais da metade do capítulo é dedicada a Robinson Crusóe e ao louvor de seu espírito de indústria e transformação. A conclusão de Saint-Victor é muito semelhante à de Lessing, atentando para que não conseguimos ter a mesma empatia com os dois pela diferença de suas virtudes: "todavia, o que falta a Robinson é a poesia do Filoctetes de Sófocles, seu patético ingênuo e sua grandeza simples. Não se pode lamentar um naufrago tão industrioso e tão hábil em superar a penúria e enfrentar a desgraça" (SAINT-VICTOR, 2003, p. 427).

Os pesquisadores da tragédia grega, por outro lado, não são unânimes sobre a relação entre o arqueiro doente de Sófocles e o naufrago de Defoe. John Jones em seu *On Aristotle and Greek tragedy*, publicado em 1968, distingue a solidão autossuficiente de Crusóe da morte social de Filoctetes:

Filoctetes está sozinho (*mónos*) e ele também está abandonado (*erēmos*); a palavra *erēmos* soa como um sino através desta peça e dá à sua solidão o seu devido acento social; ela não é, como as traduções estão quase fadadas a sugerir, um mero intensificador retórico de *mónos* (JONES, 1980, p. 217, tradução nossa)^{xi}.

Por outro lado, Edith Hall percebe no Filoctetes de Sófocles um precursor de uma tradição de homens desertados. A peça teria inaugurado uma tradição de homens que são reduzidos a um estado primitivo e obrigados a sobreviver em uma situação-limite em ilhas desertas:

Filoctetes é a peça de "ilha deserta" original, com o papel central de um desertado. Os descendentes culturais de Filoctetes incluem o herói de *Robinson Crusóe* de Defoe (1719) e Chuck Noland (Tom Hanks) no filme *Naufrago* de Robert Zemeckis (2000). A história de um homem que precisou usar técnicas de sobrevivência neolíticas permitiu a Sófocles explorar avanços recentes em teoria política, associados sobretudo

com o sofista Protágoras, que discutira o progresso do homem ao longo de diferentes modos de produção, de nômade a agricultor e por fim comerciante internacional e morador de cidades (HALL, 2010, p. 322, tradução nossa)^{xii}.



Em um quadro de semelhanças, tanto o herói grego quanto o náufrago vivem solitários em uma ilha. Filoctetes, abandonado por causa de um ferimento, sente-se humilhado e traído por seus companheiros. Robinson Crusóé, por outro lado, é vítima do acaso de um naufrágio. A solidão de Filoctetes será interrompida por Neoptólemo e a de Crusóé por Sexta-Feira. O contato com Neoptólemo possibilita ao arqueiro mostrar a grandeza de suas virtudes, enquanto Sexta-Feira possibilita ao náufrago exercer o papel de catequizador. Filoctetes tem uma doença que possui uma dimensão sagrada e durante a peça ele conta que as alivia com folhas. Robinson Crusóé também possui uma moléstia que remedia com tabaco. No próximo tópico, abordaremos como o tema da solidão é ponto importante nas duas obras, aproximando e contrastando os dois heróis em suas condições.

126

MÓNOS E SOLITUDE

A solidão é possivelmente o tema mais explorado na recepção contemporânea de *Robinson Crusóé*, e podemos citar exemplos bastantes distintos da recepção do tema. O primeiro é *Japanese Robinson Crusoe*, escrito por Jenichiro Oyabe em 1898, um texto memorialista que combina um relato de conversão com as aventuras de um imigrante japonês nos Estados Unidos. Oyabe compara-se ao náufrago ao descrever sua solidão em Nova York:

O velho Robinson Crusóé foi lançado a uma ilha desabitada no mar, mas a natureza lhe havia fornecido comida abundante e um clima que era sempre quente, de modo que um homem não sofreria embora não tivesse abrigo ou roupas. Mas eu, o pobre estrangeiro, desembarcara em uma cidade densamente habitada, muito civilizada e próspera. Meu coração não estava tranquilo, pois a minha situação era mais perigosa do que em uma ilha vazia onde é possível obter frutas e caça livremente (OYABE, 2009, p. 107, tradução nossa)^{xiii}.

Outra comparação encontra-se nas memórias de Władysław Szpilman em *O pianista*, relato publicado em 1946



dos seus anos de sobrevivência em Varsóvia durante a ocupação nazista. No relato, Szpilman contrapõe sua situação com a do náufrago:

Quando Defoe criou a imagem ideal de um homem sozinho – Robinson Crusóé – deu-lhe a esperança de contato com outros seres humanos e Robinson podia se regozijar com a perspectiva de encontrá-los a qualquer momento. Mas no meu caso, eu tinha que fugir das pessoas que estavam à minha volta; tinha que me esconder delas para não ser morto. Se quisesse sobreviver, tinha que ficar só, absolutamente só (SZPILMAN, 2014, p. 176).

Tanto Oyabe e Szpilman usam o exemplo de Robinson para dimensionar a solidão e o abandono social: o primeiro, um imigrante em um país estrangeiro; o segundo, um homem perseguido pelo horror da guerra. Os dois sentem-se próximos da narrativa de Crusóé e usam-na para organizar suas experiências.

Nesta parte, interessa-nos demarcar os contrastes da solidão de Filoctetes (*mónos*) com a solidão de Robinson Crusóé (*solitude*). Filoctetes, doente e abandonado na ilha de Lemnos, remete-nos à importância da sociabilidade como aspecto valorativo de uma ética guerreira. Por outro lado, Crusóé em sua ilha constrói a partir da solidão uma ética de sociabilidade: se durante sua juventude a ideia de aventura o levou para o mar, na ilha sua solidão será a organização de uma rotina de trabalho e religiosidade e, quando em companhia de Sexta-Feira, de catequização. Partimos da reação de Crusóé à sua situação:

Como a essa altura minha razão já começava a controlar meu abatimento, comecei a encontrar consolo onde podia, e a contrapor os bens aos males, de maneira a ter algo que pudesse distinguir meu caso dos ainda piores. E registrei muito imparcialmente, como em colunas de débitos e créditos, os confortos de que dispunha contra os sofrimentos por que passava (DEFOE, 2011, p. 120).

A ideia de débitos e créditos como maneira de abordar os pontos positivos e negativos advém da ideia de "individualismo econômico" apresentada por Ian Watt como definidor da personagem: "o individualismo econômico explica grande parte do caráter de Crusóé; a especialização econômica e sua ideologia ajudaram a esclarecer o fascínio de suas aventuras (WATT, 2010, p. 78). O abandono inicialmente é um "débito" na economia da felicidade do náufrago. O quadro comparativo de Robinson Crusóé começa descrevendo a situação do

náufrago: “Estou perdido numa ilha horrível e deserta, sem qualquer esperança de ser encontrado” (DEFOE, 2011, p. 121). A situação de perdido em uma ilha inóspita remete à descrição que Filoctetes faz da ilha de Lemnos:



Dela nenhum marinheiro se aproxima de bom grado,
pois não há nenhum porto, nem aonde navegar
para fazer comércio ou ser recebido como hóspede.

Não há aqui os barcos dos mortais de bom senso. (*Filoctetes* vv. 301-304)

Filoctetes e Robinson estão sozinhos em lugares inóspitos. Há uma identificação simbólica entre o herói e o cenário na tragédia, um diálogo entre isolamento e selvageria, que revela e exacerba a condição de Filoctetes. Por outro lado, é a ilha que constrói um sólido padrão moral em Robinson Crusoe. Enquanto para o primeiro a solidão da ilha o afasta das virtudes guerreiras, para o segundo a solidão da ilha desperta sua moralidade.

No item seguinte da sua lista de males, Crusoe descreve-se como separado do mundo: “Fui destacado e separado, por assim dizer, de todo o mundo, para minha desgraça” (DEFOE, 2011, p. 121). É uma descrição semelhante à que o coro de marinheiros faz do arqueiro:

Eu tenho piedade dele porque,
sem que um dos mortais dele se ocupe,
sem olhar companheiro,
infeliz só [μόνος] sempre,
padece uma doença selvagem (*FIL* vv. 169-173)

A solidão (*mónos*) do arqueiro é preenchida por uma ideia de abandono e desamparo. Com o corpo debilitado por uma doença (*nósos*) que consome suas forças, ele não demonstra aptidão inventiva. Sua solidão em Lemnos é um deslocamento de potencialidades, um aniquilamento da sua virtude. Filoctetes tem o desterro de um guerreiro sem campo de batalha. Mesmo que distante da civilização, Crusoe tenta reconstruí-la na ilha, transformando o lugar com seus ideais civilizatórios. Depois de construir seu abrigo, ele construirá uma mesa e uma cadeira:

Depois, comecei a me aplicar na produção das coisas de que sentia mais falta, especialmente uma cadeira e uma mesa; pois sem estas não tinha como usufruir dos poucos confortos que tinha no mundo:



não podia escrever nem comer, ou fazer muitas outras coisas com o mesmo prazer sem uma mesa (DEFOE, 2011, p. 123).

A dependência da mesa descrita pelo naufrago não é apenas uma demanda do luxo, mas a necessidade de manter o corpo nas regras de um contexto civilizatório, em uma disciplina do corpo, que não o confunda com os selvagens. Construir uma mesa é fazer o corpo lembrar-se constantemente de uma série de posturas físicas que ecoam a existência de um mundo que ainda é parâmetro para suas ações. Construída a mesa, outra postura da solidão de Crusoé para não se distanciar dos seus valores é a elaboração de um diário: "E foi então que comecei a escrever um diário relatando o emprego de cada dia" (DEFOE, 2011, p. 124).

Michel de Certeau define Robinson Crusoé como um "romance da escritura". Para o autor francês, há uma relação entre a ilha como espaço no qual há a produção de um sistema de objetos, como a cadeira e a mesa, e a operação de escrever um diário, que é "um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas, e de constituir-se assim, com a página em branco, uma primeira ilha para aí produzir o seu querer" (CERTEAU, 2000, p. 227).

Crusoé define sua condição na ilha da seguinte forma: "Estou isolado da humanidade, um solitário, banido do convívio humano" (DEFOE, 2011, p. 121). Apartado (*divided*), solitário (*Solitaire*) e banido (*banish'd*) – três condições que ele ressignificará. Filoctetes também qualifica sua solidão com três características:

Mas vossa voz desejo ouvir. E por hesitação
temendo, não vos assustei comigo asselvajado,
mas apiedando-vos por um homem infeliz, só [μόνον],
desertado [ἔρημον] e tão sem amigos [κᾶφιλον] que vos chama (FIL vv.
225-228)

Georges Minois, em *História da solidão e dos solitários*, apresenta a solidão em uma perspectiva histórica: cada período apresenta particularidades sobre o problema. A solidão tem uma história na medida em que a sociabilidade se constitui com um enfoque específico de cada tempo. Para os gregos, principalmente os atenienses do século V a.C., a solidão era um valor antidemocrático, pois o homem como animal político deveria viver em grupo e exercer atividades

em sociedade. Para Minois, a solidão apresenta-se como um valor contrário à pólis clássica:

Mesmo fora da família e da fratria, o cidadão de uma cidade grega é membro de várias associações profissionais, culturais, caridosas, que o encerram numa rede de solidariedades. Tudo é organizado para favorecer a vida comunitária: refeições comuns, banquetes, festas cívicas e religiosas, jogos esportivos, espetáculos. [...] Em Atenas, tomam-se decisões na Assembleia do povo, a Eclésia. A liberdade, finalmente, consiste em poder escolher entre várias sociabilidades. Uma única escolha está excluída, porque é impensável: a solidão (MINOIS, 2019, p. 12).



O lamento de Filoctetes sobre seu isolamento é a consciência da perda da sua sociabilidade: só (*mónos*), desertado (*erēmos*) e sem amigos (*kaphilon*), ele não pode ser um guerreiro em uma ilha, não pode ser visto no esplendor da batalha, não pode mostrar a excelência da sua linhagem e realizar suas potencialidades. A solidão grega não é um espaço no qual podemos cultivar uma série de virtudes e realizações pessoais; ao contrário, ela é considerada como uma expressão de selvageria.

A solidão de Robinson Crusó é uma experiência religiosa individual. Na ilha, ele encontra sentido no trabalho e nas suas leituras da Bíblia, e o que acompanhamos no romance é a valoração que o naufrago dá à sua experiência cotidiana, construída no individualismo de suas ações. Ian Watt é categórico ao afirmar:

Crusó transforma o abandono em triunfo. [...] Defoe afirma, confiante, que a solidão pode se tornar o prelúdio da realização mais plena das potencialidades de cada indivíduo; e os leitores solitários de dois séculos de individualismo só podem aplaudir um exemplo tão convincente da transformação da necessidade em virtude, uma visão tão colorida e estimulante dessa imagem universal da experiência individualista: a solidão (WATT, 2010, p. 94).

Os valores individualistas representados nos empreendimentos solitários de Crusó são a conquista do pensamento iluminista, associados a uma tradição de isolamento ligado a práticas religiosas. Crusó em seu "estado de solidão" (DEFOE, 2011, p. 397) é vigiado por sua moral, e por causa do seu empenho em significar o espaço selvagem de acordo com a ética econômica é que milhões de leitores encontraram nessa solidão uma companhia que reflete suas próprias angústias.

Minois defende que o texto pode ser lido sob o ponto de vista dos debates sobre a solidão no século XVIII. O livro seria



a defesa de uma solidão ancorada em conquistas civilizatórias. Não temos um homem retornando à selvageria na inóspita ilha, mas um civilizador em estado de solidão:

Ela significa que a solidão, por não ser natural ao homem, pode tornar-se natural, com a condição de passar antes pelo estado de civilização? O que certamente é uma ideia original para o século XVIII. Defoe encontra, assim, um meio de conciliar solidão e sociedade humana: seu Robinson aprisiona sua solidão graças aos instrumentos e à cultura que a civilização lhe forneceu; os auxílios materiais e espirituais saídos do mundo moderno lhe permitem, por um surpreendente atalho, tornar-se um solitário equilibrado (MINOIS, 2019, p. 286-7).

Outro tópico abordado por Crusoé é sua situação de exposição às intempéries e violências da ilha: “Não tenho roupas com que me cobrir. Não tenho defesa ou meios de resistir à violência de homens ou de feras” (DEFOE, 2011, p. 121). Nesse ponto temos uma diferença com Filoctetes. O arqueiro, apesar de igualmente exposto a condições inóspitas de sobrevivência, ainda agravadas pela sua doença, possui um arco mágico, que garante alimento:

Dia após dia, o tempo passava,
E precisava sozinho [μόνος], sob este pequeno teto, providenciar
algo. O que convém ao estômago
este arco encontrava, atingindo
as aladas pombas; depois, o que atingia
a flecha esticada, eu mesmo, infeliz,
rastejava, arrastando o miserável pé,
até ele. (*FIL* vv. 285-290)

O arco é o motivo da trama da tragédia de Sófocles. É ele que mantém Filoctetes vivo e que desperta o interesse da expedição grega à ilha de Lemnos. Robinson Crusoé não possui um objeto mágico para granjear seu sustento e nisso reside toda a trama da sua atividade na ilha. Watt pontua que o livro de Defoe é a primeira narrativa de ficção na qual as atividades cotidianas de uma pessoa comum são o centro da atenção (WATT, 2010, p. 78). Para o autor, isso se deve à importância do trabalho na concepção puritana, dignificando a vida cotidiana do indivíduo (WATT, 2010, p. 78).

O último tópico citado por Crusoé é a constatação da ausência de companhia e do desamparo presente na sua solidão: “Não tenho viva alma com quem possa falar, ou que me ajude” (DEFOE, 2011, p. 121). Nesse ponto, ele não referencia seu deslocamento da



humanidade, mas a necessidade de companhia e auxílio. É a solidão como um valor concreto, como ausência de sociabilidade e como desamparo, não a solidão dos princípios morais ou a escolha da solidão como um caminho pessoal de aperfeiçoamento. Crusoé confessa e expõe sua fragilidade humana, tão trágica quanto a do próprio Filoctetes ao assumir posição de suplicante perante Neoptólemo:

Caio a teus joelhos, mesmo sendo
impotente, miserável, coxo. Mas não me deixes
sozinho [ἔρημον] assim, sem sinal de seres humanos (*FIL* vv. 485-87)

Tanto Filoctetes quanto Crusoé destacam que não têm com quem conversar ou quem os ampare, mas nem seu abandono nem seu desamparo são idênticos. A solidão de Filoctetes não é uma solidão causada pelo acaso de uma empresa malsucedida. Ele foi abandonado pelos amigos, deixado para trás pelos companheiros, o que alimenta um sentimento de rancor em relação à armada grega que foi a Troia e principalmente pelo seu algoz Odisseu. A solidão de Filoctetes só será curada por Herácles, que restabelece a ordem na tragédia e devolve Filoctetes aos campos de batalha, onde ele poderá exercer suas potencialidades e virtudes guerreiras.

Por mais que se assemelhe a Filoctetes, a natureza da solidão de Robinson Crusoé é de outra ordem. Sua solidão é um constante exercício de aperfeiçoamento e reflexão. Sem doença que o debilite como Filoctetes e imbuído de valores do individualismo e uma concepção econômica pragmática, ele trabalha para superar seu desamparo, civilizar sua ilha e estabelecer nesse lugar inóspito uma dinâmica ocidental de tempo e religião.

Em *Serious reflections during the life and surprising adventures of Robinson Crusoe*, publicado em 1720 como pequenos ensaios do náufrago, Defoe apresenta-nos um capítulo chamado "Of solitude" em que Robinson reflete sobre sua experiência na ilha em relação à solidão. O texto contém uma tipologia da solidão. O primeiro tipo é relacionado à filosofia e à religião, ao retiro no deserto; o segundo é a solidão da literatura, o isolamento do escritor e da leitura solitária do livro; e o terceiro tipo é a solidão do silêncio em uma conversa, espécie de pequeno exílio da



reflexão (DEFOE, 1899, p. 1-15). Assim, a personagem de Defoe prefigurou para nós modernos o quanto a solidão se tornaria cada vez mais um problema da nossa modernidade, seja em uma ilha ou em uma grande cidade.

CONCLUSÃO

No artigo, examinamos comparações possíveis e contrastes entre a tragédia grega *Filoctetes* de Sófocles e o romance *Robinson Crusoé* de Defoe. Relações entre as duas obras foram estabelecidas por diversos autores desde o século XVIII até a atualidade. O mito grego do homem doente e abandonado em uma ilha tem em Robinson Crusoé um dos seus herdeiros.

A solidão é o principal ponto de encontro dos dois heróis. Filoctetes, abandonado em uma ilha somente com o arco, busca a sobrevivência acompanhado pelo ressentimento, enquanto Crusoé, náufrago com alguns equipamentos, reconstrói na ilha uma paisagem civilizatória. Mesmo semelhantes, as solidões dos dois são diferentes mediante o papel que o solitário tem em cada uma das sociedades: no mundo grego, o solitário é tomado quase como um anticidadão, um homem que recusa suas capacidades; na Europa do século XVIII, o solitário ganha outro sentido, sendo possível construir uma ética da solidão, como nos demonstra o romance.

Robinson Crusoé tem recebido nas últimas décadas uma série de leituras críticas que procuram recolocar as oposições colonizador e colonizado, homem e espaço. Em 2020, o mundo passou por uma experiência traumática de pandemia. Para aqueles que tiveram possibilidades econômicas, foi indicado o isolamento e, a partir dessa experiência, o sentimento de solidão adquiriu um novo significado. A leitura desses dois textos, tanto a tragédia de Sófocles quanto o romance de Defoe, torna-se uma referência para pensar a dinâmica da solidão e a inventividade em um mundo pós-pandemia.

REFERÊNCIAS



- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHRYSOSTOM, Dio. *Discourses 37-60*. With an English translation by H. Lamar Crosby. Cambridge/London: Harvard University Press, 2001.
- DAGIOS, Mateus. *Neoptólemo entre a cicatriz e a chaga: lógos sofisticado, peithó e areté na tragédia Filoctetes de Sófocles*. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- DEFOE, Daniel. *Serious Reflections During the Life and Surprising Adventures of Robinson Crusoe: With His Vision of the Angelic World*. In: _____. *Romances and Narratives*. Vol. III. London: Aldine House, 1899.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ENGÉLIBERT, Jean-Paul. *La Postérité de Robinson Crusoe*. Un mythe littéraire de la modernité (1954-1986). Genève: Librairie Droz, 1997.
- FLUIERARU, Tatiana-Ana. *Thème et variations: Le mythe de Philoctète aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Cluj-Napoca: Presa Universitară Clujeană, 2017.
- HALL, Edith. *Greek tragedy: suffering under the sun*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.
- JONES, John. *On Aristotle and Greek tragedy*. Stanford: Stanford University Press, 1980.
- LESSING, G.E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*. Tradução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- MACLAINE, Allan H. Robinson Crusoe and the Cyclops. *Studies in Philology*, v. 52, n. 4, p. 599-604, Oct. 1955.
- MINOIS, Georges. *História da solidão e dos solitários*. São Paulo: UNESP, 2019.
- OYABE, Jenichiro. *A Japanese Robinson Crusoe*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.



PINDAR. *The complete odes*. Translated by Anthony Verity. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SAINT-VICTOR, Paul de. *As duas máscaras*. São Paulo: Germape, 2003.

SELLIER, Philippe. Qu'est-ce qu'un mythe littéraire? *Littérature*, n. 55, p. 112-126, 1984.

SÓFOCLES. *Filoctetes*. Tradução de Fernando Brandão dos Santos. Ed. bilíngue. São Paulo: Odysseus, 2008.

SZPILMAN, Władysław. *O pianista*. Rio de Janeiro: BestBolso Edições, 2014.

TOURNIER, Michel. *Vendredi ou les limbes du Pacifique*. Paris: Éditions Gallimard, 1967.

TROUSSON, Raymond. *Thèmes et Mythes*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1981.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

WATT, Ian. Robinson Crusoe as a Myth. *Essays in Criticism*, v. I, n. 2, p. 95-119, April 1951.

WATT, Ian. *Myths of Modern Individualism: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

135

Recebido em 27 de novembro de 2020.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2021.

PHILOCTETES AND ROBINSON CRUSOE: COMPARATIVE STUDY OF TWO MYTHS OF LONELY HEROES

Abstract: This paper aims to compare the Greek myth of the archer Philoctetes, as presented in the tragedy *Philoctetes* (409 BCE) by Sophocles, to the novel *Robinson Crusoe* (1719) by Daniel Defoe. The analysis employs Raymond Trousson's concept of literary myth as well as George Minois' contributions on the historicity of solitude. The paper examines differences between Philoctetes' and Robinson Crusoe's solitudes as well as similarities between both texts, showing how other authors have compared the castaway

FILOCTETES E ROBINSON
CRUSOE: ESTUDO
COMPARATIVO ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.18,
p. 116-136, mar. 2021
ISSN 2525-3441

and the archer. Reflecting about solitude has become essential in a world resignified by the experience of a pandemic.

Keywords: Philoctetes; Robinson Crusoe; Solitude.



ⁱ No original: "Each of their heroes embodies an arete and a hubris, an exceptional prowess and a vitiating excess, in spheres of action that are peculiarly important in our culture."

ⁱⁱ No original: "'Back to Nature', 'The Dignity of Labour' and 'Economic Man'."

ⁱⁱⁱ No original: "Crusoe observes nature, not with the eyes of a pantheist primitive, but with the calculating gaze of colonial capitalism."

^{iv} No original: "In his epic of individual enterprise he bequeathed them both a programme of further economic action, and a figure on whom to project a quasi-religious mystique."

^v No original: "ce récit est anonyme et collectif, élaboré oralement au fil des générations."

^{vi} No original: "Longtemps retravaillé, le mythe atteint une concision et une force qui, aux yeux de certains mythologues, le rend bien supérieur à ces agencements individuels qu'on appelle littérature."

^{vii} No original: "Chaque époque se fait une mythologie particulière, propre à exprimer ses préoccupations, à refléter ses aspirations et ses inquiétudes; le thème, toujours protéiforme et susceptible de renouvellement, prend plus ou moins d'importance selon que sa structure interne s'adapte plus ou moins bien aux exigences de la pensée nouvelle."

^{viii} No original: "Le thème est un fil conducteur, éternel à travers la durée, qui se charge, au long des siècles, de tout le butin artistique et philosophique amassé, sur sa route illimitée, par l'aventurier humain; c'est pourquoi il préserve et restitue, à travers ses innombrables transmutations, quelques constantes, quelques préoccupations fondamentales, en un mot quelque chose de l'essentiel de la nature humaine."

^{ix} O artigo de Allan MacLaine (1955) foi um dos primeiros a fazer comparações entre o encontro de Odisseu e Polifemo com o de Robinson e Sexta-Feira.

^x No original: "Mais dès lors qu'il s'agit de mettre au jour les conditions d'émergence d'une thématique, et non plus des "influences", rien n'interdit de chercher dans des textes beaucoup plus éloignés de *Robinson Crusoe* les traces d'une histoire muette. Mettre au jour ce que structure les récits d'isolement antérieurs revient à définir les conditions d'émergence du roman que les condensera."

^{xi} No original: "Philoctetes is alone (*monos*) and he is also deserted (*erēmos*); the word *erēmos* tolls like a bell through this play, and gives his solitude its due social stress; it is not, as translations are almost bound to suggest, a mere rhetorical intensive of *monos*."

^{xii} "*Philoctetes* is the original 'desert island' play, its central role that of a castaway. Philoctetes' cultural descendants include the hero of Defoe's *Robinson Crusoe* (1719) and Chuck Noland (Tom Hanks) in Robert Zemeckis' movie *Cast Away* (2000). The story of a man who had to use Neolithic survival techniques allowed Sophocles to explore recent advances in political theory, associated above all with the sophist Protagoras, who had discussed man's progress through different modes of production, from nomad to agriculturalist and eventually international trader and city-dweller."

^{xiii} No original: "Old Robinson Crusoe was cast upon an uninhabited island of the sea, but nature had abundantly provided him with food and a climate that was always warm, so that a man would not suffer though he had no house or clothing. But I, the poor stranger, was now landed in a thickly inhabited and most civilized and thriving city. My heart was not at ease, for my situation was more dangerous than on a bare island where one could freely get fruits and game."